

ELEIÇÕES 2024

Pragmático, Centrão se alia ao PT e ao PL

Partidos desse grupo político se ligam a legendas próximas de Lula e de Bolsonaro

» EVANDRO ÉBOLI

Grupo político conhecido pelo pragmatismo e aspiração ao poder, o Centrão se articula para ocupar o maior espaço possível na disputa pelas prefeituras nas eleições deste ano. As legendas desse agrupamento desconsideram se o favorito em determinada cidade tem ligações com Jair Bolsonaro ou com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, já que estão interessados na vitória em outubro.

O fato de pelo menos quatro partidos do Centrão ocuparem ministérios não impede estarem ao lado de um nome apoiado por Bolsonaro. Caso mais cristalino é o da disputa na capital paulista. O prefeito Ricardo Nunes, do MDB, legenda com cargos no governo federal, tem Bolsonaro a seu lado e levou a reboque nada menos que outros quatro partidos que controlam ministérios na Esplanada: PP, PSD, União Brasil e Republicanos.

No Recife, o União Brasil, por exemplo, está ao lado do candidato apoiado por Lula, o atual prefeito João Campos, do PSB. Um dos caciques do partido, o deputado Elmar Nascimento (BA), que não é um apoiador ferrenho do governo no Congresso, tem feito acenos ao PT na disputa na Bahia.

Um cacique do Centrão, Elmar está participando de convenções do PT no interior do estado e tem trocado elogios com o ministro Rui Costa (Casa Civil) — não exatamente um aliado de longa data. De olho na presidência da Câmara, o parlamentar já disse que, se eleito sucessor de Arthur Lira (PP-AL), o governador baiano, o petista Jerônimo Rodrigues, terá nele um “parceiro”.

Legenda que também ocupa ministério, o PP tem se aproximado do grupo político de Bolsonaro. Na disputa em Belo Horizonte, o partido do ministro André Fufuca (Esportes) fechou aliança com o PL e aderiu à candidatura de Bruno Engler, deputado estadual.

Também na capital mineira há defecções na direita. O governador bolsonarista Romeu Zema, do Novo, fechou apoio ao

Estádio Conteúdo



Com apoio de Bolsonaro, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, foi oficializado candidato à reeleição



O Centrão está compondo com todo mundo. Tem impacto na sucessão da Câmara e, depois, na eleição presidencial de 2026”

André César, cientista político

deputado estadual Mauro Tramonte, do Republicanos — partido de Alexandre Kalil, que foi o candidato de Lula ao governo do estado em 2022 e perdeu para Zema. O governador virou alvo de ataques de Carlos Bolsonaro nas redes sociais.

Proibição

O PL e o PT baixaram normativas para as eleições proibindo coligações que os envolvam. Ou seja, que estejam juntos na mesma chapa. Várias delas foram desfeitas na véspera das alianças, principalmente no interior do país. Mas nada impede que esses dois grupos estejam juntos

de antigos aliados de Lula ou de Bolsonaro.

“Historicamente, o Centrão sempre buscou estar alinhado ao poder. Precisamos entender o papel das eleições municipais de 2024 de olho nas eleições gerais de 2026. Teremos eleições em 5.568 municípios, e manter uma corrente de partidos que se aliam para definir a eleição presidencial de 2022 é um tanto difícil”, explicou o advogado eleitoral Josias Vieira, integrante da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep).

Para ele, as emendas parlamentares têm um papel fundamental nesse processo e o fato de as eleições municipais

demandarem uma capacidade para discutir problemas locais, o que definirá a corrida para o Executivo municipal.

“Daí ser compreensível alguns partidos, principalmente aqueles regionais, se aliarem a grupos ligados ao presidente Lula e outros ao ex-presidente Bolsonaro, ainda que tenham caminhado em polos distintos na eleição passada”, disse. “Será um grande desafio para aqueles que buscam na polarização um ponto central para se manter na disputa.”

Para o cientista político André César, o Centrão se pauta pelo pragmatismo e faz bem esse jogo. Citou a habilidade de duas de suas principais lideranças nacionais, como Arthur Lira, do PP, e Gilberto Kassab, presidente do PSD.

“A eleição municipal é um campo para esse grupo político avançar ainda mais. É um terreno importante para isso. É o que já está acontecendo. O Centrão está compondo com todo mundo. Tem impacto na sucessão da Câmara e, depois, na eleição presidencial de 2026”, destacou César.

Tabata anuncia Lúcia França como vice

Reprodução/Redes Sociais



A professora Lúcia França, anunciada como vice de Tabata Amaral, é casada com o ministro do empreendedorismo

A professora Lúcia França (PSB), casada com o ministro do Empreendedorismo, Márcio França (PSB), foi anunciada como candidata a vice-prefeita de São Paulo na chapa de Tabata Amaral, também do PSB.

O nome de Lúcia já era cotado para a posição, mas disputava espaço com a indicada do vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB), sua esposa Lu Alckmin. Alckmin e França são os principais fiadores da pré-candidatura da deputada federal. Essa é a quarta chapa “puro-sangue”, com integrantes do mesmo partido, anunciada para o pleito deste ano da capital paulista.

A informação foi confirmada pela campanha de Tabata, e a candidata reforçou que, pela primeira vez nas eleições paulistanas, uma chapa é composta por duas mulheres.

Anteriormente, o ministro França ponderou que Lu Alckmin seria “fantástica” como vice. Mas, por residir em Brasília e por nunca ter disputado uma eleição na capital paulista, não seria fácil viabilizar a formação dessa chapa.

“A Lúcia (França) se envolveu com essa história de mais mulheres no PSB, teve disputa na eleição com Haddad. Então acabou ficando uma marca interessante também”, ressalta o ministro sobre sua esposa.

A candidatura de Tabata já

tinha sido oficializada na convenção que ocorreu na semana passada, mas havia delegado para a Executiva do partido o poder da decisão sobre quem seria a vice na chapa e a costura de alianças com outros partidos.

Essa brecha é uma estratégia comum em convenções partidárias, mas, no caso de Tabata, ganhou relevância diante do racha interno vivido pelo PSDB, partido que ela tentava conquistar o apoio.

Aliados da deputada disseram, ao longo das últimas semanas, que ainda acreditavam na desistência de Datena, mas passaram a admitir que a possibilidade se tornou remota à medida que o jornalista dava sinais de

que, desta vez, estará mesmo nas urnas — como a participação em entrevistas e sabinas, a contratação de um marqueteiro e a ida ao Mercado Municipal, primeiro ato de pré-campanha na rua que o apresentador fez na vida.

Perfil

A ex-primeira-dama do Estado de São Paulo já foi candidata a vice-governadora na chapa do atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), em 2022, quando o petista concorria ao cargo de governador paulista.

Filiada ao PSB desde 1988, Lúcia nasceu na capital paulista, mas passou a maior parte de sua vida em São Vicente. É mãe de

dois filhos, um deles o deputado estadual Caio França (PSB), e avó.

Professora desde muito jovem, é, ainda, fundadora da primeira escola particular de Praia Grande, onde até hoje atua como diretora geral do colégio, de acordo com o site da instituição.

Ela se considera uma pessoa sensibilizada com causas sociais, especialmente com questões de refugiados e imigrantes, e socioambientais.

“Estavam curiosos para saber quem seria minha vice? Ela é mulher, defensora da educação, tem uma história de vida linda e uma trajetória de honestidade e de compromisso com quem mais precisa”, postou Tabata nas redes sociais ao anunciar a vice.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Lula se aproxima de Boric e se afasta de Maduro

A visita oficial do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Chile, onde se encontrou com o presidente Gabriel Boric, sinaliza uma mudança de companhia importante para a política latino-americana e a imagem internacional do petista, desgastada pelo apoio do PT à reeleição fraudulenta do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. Quanto mais longe do venezuelano e mais próximo do chileno, melhor para a democracia e para o próprio governo Lula.

Gabriel Boric, de 38 anos, é uma nova liderança de esquerda no continente, num país com vasta experiência política. A mais traumática foi o golpe de Estado do general Augusto Pinochet, que destituiu o governo de Salvador Allende e pôs fim à chamada “via chilena” ao socialismo, implantando a mais sanguinária ditadura do continente. O episódio viria a inspirar a proposta de “compromisso histórico” entre os comunistas italianos e a democracia cristã, liderados, respectivamente, por Enrico Berlinguer, seu autor, convencido de que a democracia era um valor universal, e Aldo Moro, que viria a ser sequestrado e assassinado pelas Brigadas Vermelhas, em 9 de maio de 1978, o que implodiu o acordo.

A diferença de gerações entre Lula, 40 anos mais velho, e Boric explica em parte a diversidade de visões de mundo entre ambos. O chileno foi um dos primeiros chefes de Estado a reagir ao anúncio do Conselho Nacional Eleitoral (CNE) de que Maduro teria sido reeleito, derrotando o candidato da oposição Edmundo González. Na rede social X, Boric escreveu que os resultados anunciados eram “difíceis de acreditar”. No mesmo dia, o corpo diplomático chileno foi expulso pela Venezuela de seu território, por ter questionado os resultados do pleito.

Ao contrário, na sua primeira declaração, Lula pisou na bola: afirmou que o que estava ocorrendo na Venezuela era um “processo normal”, em que a Justiça poderia resolver o impasse. Pesaram as velhas relações políticas e ideológicas do petismo com o chavismo, com as quais Boric não tem nada a ver. O encontro de ambos, ontem, não superou a diferença de posicionamento, porque o Brasil continua defendendo uma solução negociada entre o governo Maduro e o candidato de oposição, Edmundo González, que ontem se proclamou presidente eleito da Venezuela, com apoio de muitos países.

Depois do encontro com Boric, Lula voltou a pedir transparência no processo eleitoral da Venezuela, enquanto Boric evitou comentar o assunto. Nicolás Maduro, no poder desde 2013, foi considerado reeleito pelos organismos oficiais, controlados por ele, com quase 52% dos votos. As atas eleitorais, que registram os votos das urnas, ainda não foram apresentadas até hoje. Com base nas cópias das atas, a oposição afirma que González venceu as eleições com mais de 70% dos votos.

Lula conversou com Boric sobre as iniciativas conjuntas com os presidentes da Colômbia, Gustavo Petro; e do México, Lopez Obrador, em relação a um processo político na Venezuela. “O respeito pela tolerância, o respeito pela soberania popular é o que nos move a defender a transparência dos resultados. O compromisso com a paz é que nos leva a conchamar as partes aos diálogos e promover o entendimento entre governo e oposição”, disse, em coletiva de imprensa.

Integração

Há que se considerar o peso do Brasil, da Colômbia e do México nessas articulações diplomáticas, comparado ao do Chile, que é bem menor. Mas, do ponto de vista de imagem na opinião pública brasileira, Lula tem mais a ganhar ao se aproximar do líder chileno. Elegante, Boric evitou tratado do assunto para não manifestar sua divergência. O presidente chileno já teve um encontro com Lula por causa da guerra da Ucrânia, quando foi chamado pelo petista de jovem apressado ao condenar a invasão russa, durante a finalização da cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) com a União Europeia (UE), em julho do ano passado. Em maio do mesmo ano, após o encontro da cúpula de líderes sul-americanos no Itamaraty, Boric também criticou a postura de Lula frente ao governo ditatorial de Nicolás Maduro.

O Brasil é principal destino dos investimentos chilenos no mundo, enquanto o Chile é sexto maior mercado para exportações brasileiras. Lula e Boric assinaram 19 acordos e outros atos bilaterais em áreas que vão do turismo, ciência e tecnologia, defesa, agropecuária e direitos humanos até as relações comerciais e de investimentos, porém, pouco diversificados.

O Brasil é o terceiro maior parceiro comercial do Chile, com um intercâmbio comercial que atinge US\$ 12,3 bilhões por ano. O Brasil é o maior investidor latino-americano dentro do Chile, mais de US\$ 4,5 bilhões, em setores como energia, serviços financeiros, alimentos, mineração, construção e fármacos. O Brasil também é o principal destino dos investimentos chilenos no exterior, com quase 30% do estoque total.

Lula destacou a colaboração do Chile nos grupos de trabalho do G20, cuja presidência está com o Brasil, e Boric disse que o Chile vai integrar a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, proposta pelo Brasil. Brasil e Chile são sócios, junto com Paraguai e Argentina, no Corredor Bioceânico, que ligará o Centro-Oeste brasileiro aos portos do Norte do Chile, que deverão desempenhar parte central da logística para o acesso a mercados do Pacífico.